



COMUNICAÇÃO E EXPRESSION

Leticia Sangaletti

Comunicação escrita

Objetivos de aprendizagem

Ao final deste texto, você deve apresentar os seguintes aprendizados:

- Compreender o que é a comunicação escrita.
- Conhecer os tipos de escrita.
- Identificar as tipologias textuais nos gêneros textuais.

Introdução

A **escrita impressa** possibilitou aos seres humanos o aumento na produção de documentos escritos, como livros e periódicos. Ela também levou à criação e à ampliação de bibliotecas, bem como à invenção de outros meios de comunicação, como os cartazes, os anúncios oficiais e os panfletos. Dela ainda advêm a alfabetização e o acesso a informações e entretenimento literário, como a publicação de romances nos jornais.

Todos esses textos, que você encontra no seu cotidiano, têm uma categorização, que facilita a compreensão de suas finalidades e seus gêneros textuais.

Neste texto, você vai ver o que é a comunicação escrita. Também vai conhecer quais são os gêneros textuais e suas tipologias, além de aprender como diferenciá-los.

O surgimento da escrita

Homens e mulheres sentiram a necessidade, durante milhares de anos, de registrar visualmente informações. Assim, a escrita foi desenvolvida originalmente para guardar os registros de contas e trocas comerciais. A escrita se trata do uso de sinais para exprimir as ideias humanas. De acordo com Barbosa (2013, p. 34), é considerada um marco entre a pré-história e a história:

O homem, através dos tempos, vem buscando comunicar-se com gestos, expressões e a fala. A escrita tem origem no momento em que o homem

aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem ideias sobre como funciona esse sistema de comunicação.

Desse modo, a invenção da escrita está ligada ao modo de viver que fixou o homem em determinados territórios há mais ou menos 6,5 mil anos: a agricultura e a domesticação de animais. Com o tempo, houve a necessidade de registrar mais cuidadosamente informações referentes à delimitação de espaços e ao direito de propriedade, bem como à produção e à circulação de bens. Sobre isso, Lévy (1993, p. 87) afirma que o nascimento da escrita se relaciona aos “[...] primeiros estados burocráticos de uma hierarquia piramidal e as primeiras formas de administração econômica centralizada em impostos e gestão de grandes domínios [...]”.

Assim, a fixação de homens e mulheres em territórios determinados, que foi o começo do processo de urbanização da vida, tem a ver com a escrita. Além disso, as formas de inscrição gráfica se originaram da necessidade dos homens de se comunicar e registrar suas impressões sobre as suas vidas, culturas, acontecimentos, histórias. Para escrever, homens e mulheres usaram inicialmente pedra, osso, marfim e madeira. Depois, o barro, o papiro, o pergaminho, até chegarem ao papel como suporte dos signos. A escrita pode ser considerada uma maneira nova de desenhar.

Assim, você pode perceber que ocorreu uma evolução nos modos escritos de se comunicar. As inovações foram chegando e o homem se adaptando às novas descobertas. Cagliari (1988, p. 13) afirma que a escrita foi inventada pela leitura:

[...] um dia numa caverna, o homem começou a desenhar e encheu as paredes com figuras, representando animais, pessoas, objetos e cenas do cotidiano... A humanidade descobria assim que quando uma forma gráfica representa o mundo, é apenas um desenho, quando representa uma palavra, passa a ser uma forma de escrita.

A escrita que mais se usa atualmente é a alfabética. Ela foi inventada pelos gregos antigos por volta de 800 anos a.C. Homens e mulheres levaram de 3 a 5 mil anos para chegar à forma atual da linguagem escrita. Mais tarde, já com a escrita impressa, ocorreu um aumento na produção de documentos escritos como livros e periódicos. Também houve a criação e a ampliação de bibliotecas, assim como a invenção de outros meios de comunicação, como os cartazes, anúncios oficiais e panfletos. Surgiu ainda a alfabetização

e o acesso a informações e entretenimento literário, como a publicação de romances nos jornais.

Escrever é um recurso que necessita de um processo de aprendizagem. Afinal, é necessário escolher as ideias, esquematizar e planejar o que será transmitido, de modo que a comunicação ocorra com qualidade e se efetive. De acordo com Marcuschi (2003), a escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, como o trabalho, a escola, em família, em situações que exigem burocracia e atividades intelectuais, em paralelo direto com a oralidade.

De acordo com Pimenta (2006), há diferença entre o modo que um povo fala e a maneira com que escreve. Ao contrário da falada, a linguagem escrita possui regras específicas. Estas têm o intuito de facilitar sua compreensão, tendo em vista que ela é registrada e permanece na sociedade. A intenção da escrita, na maioria das vezes, está relacionada à produção de textos, que serão utilizados para a leitura.



Fique atento

É importante você perceber que há diferentes formas de comunicação escrita, com os textos escritos e os textos visuais, como cartazes e placas, que mesmo as pessoas não alfabetizadas conseguem ler.

De acordo com Charaudeau (2010), para organizar o conteúdo e a matéria linguística, é possível contar com os modos de compreensão do discurso, que constituem os princípios de organização da matéria linguística. Esses princípios dependem da finalidade comunicativa do indivíduo.

Os quatro modos de organização são: enunciar, descrever, narrar e argumentar. Para diferenciá-los, é necessário saber sua função-base. Além disso, o teórico explica que os modos de organização não são completamente separados, mas se misturam no desenvolvimento dos textos. Por exemplo, um texto narrativo pode conter descrições. De acordo com Charaudeau (2010), as características das formas de organizar os textos são:

- **Enunciativo:** possui como função de base a relação de influência, o ponto de vista do sujeito e a retomada do que já foi dito.
- **Descritivo:** identificar e qualificar seres de maneira objetiva/subjetiva são a função-base desse modo.

- **Narrativo:** sua função-base é construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de relatar algo.
- **Argumentativo:** expor e provar casualidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor são as suas funções-base.

A partir disso, Charaudeau (2010) propõe que os gêneros textuais podem coincidir com um modo de discurso que constitui sua organização dominante. Eles também podem resultar da combinação de vários modos.



Saiba mais

Para saber mais sobre a evolução da escrita, leia o texto “A evolução e revolução da escrita: um estudo comparativo” (COSTA; SILVA; VILACA, 2013).

Gêneros e tipos textuais: apontamentos iniciais

O conhecimento dos gêneros textuais que fazem parte das interações sociais diárias favorece, de acordo com Marcuschi (2003), tanto a leitura como a compreensão de textos. Para o autor, os gêneros textuais são grandes aliados em atividades como leitura crítica, produção textual significativa, desenvolvimento da oralidade, conscientização de que a leitura e a escrita estão presentes em tudo que se faz, etc.

Nesse sentido, você vai conhecer as características do gênero textual. Também vai compreender a diferença entre ele e os tipos/tipologias textuais e como estes ocorrem na prática social diária.

Para Marcuschi (2003), é importante distinguir o que se convencionou chamar de **tipo textual**, de um lado, e **gênero textual**, de outro lado. Essas são duas noções nem sempre analisadas de modo claro na bibliografia pertinente. O autor parte do pressuposto básico de que não se pode comunicar verbalmente a não ser por algum **gênero**. Da mesma forma, não é possível se comunicar verbalmente a não ser por algum **texto**. Isso significa que a comunicação verbal só é possível por algum **gênero textual**. Essa posição, conforme Marcuschi (2003), é defendida por Bakhtin e também por Bronckart (1999). Ela é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Essa visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva.

Privilegia a natureza funcional e interativa, e não o aspecto formal e estrutural da língua. Afirmar o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo de atividade constitutiva da língua. Isso equivale a dizer que a língua não é vista como um espelho da realidade, nem como um instrumento de representação dos fatos.

Marcuschi (2003) apresenta uma definição que permite entender as diferenças entre gêneros e tipos textuais com certa facilidade. A partir dela, você pode compreender melhor o problema dessa distinção sem grande complicação técnica. Essas diferenças são fundamentais em todo o trabalho com a produção e a compreensão textual. Observe a seguir uma breve definição das duas noções feitas por Marcuschi (2003):

- A expressão **tipo textual** é usada para designar uma espécie de construção teórica definida pela **natureza linguística** de sua composição, como aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas. Em geral, os tipos textuais abrangem categorias conhecidas como: **narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.**
- Já a expressão **gênero textual** é usada como uma noção propositalmente vaga para referir os **textos materializados** que se encontram diariamente e que apresentam **características sociocomunicativas** definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: **telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais** e assim por diante.

Para uma maior visibilidade, você pode considerar o Quadro 1.

Quadro 1. Quadro sinóptico de tipos textuais versus gêneros textuais.

Tipos textuais	Gêneros textuais
Constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas.	Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas.
Constituem sequenciais linguísticas ou sequenciais de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos.	Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas.
Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal.	Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas por canal, estilo, conteúdo, composição e função.
Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, <i>outdoor</i> , inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversaço espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais, etc.

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2003).

Antes de fazer a análise dos gêneros textuais e de questões relativas aos tipos, Marcuschi (2003) entende ser necessário definir mais uma noção. É a expressão **domínio discursivo**, que vem sendo usada de maneira um tanto vaga. A expressão domínio discursivo é usada para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios propiciam o surgimento de discursos bastante específicos, mas não são textos nem discursos. Do ponto de vista dos domínios, se fala, por exemplo, em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, etc. Isso ocorre pois as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais se pode identificar um conjunto de gêneros textuais que às

vezes lhe são próprios (em certos casos exclusivos), como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas (MARCUSCHI, 2003).

Um dos exemplos usados pelo pesquisador é o caso das **jaculatórias**, **novenas** e **ladainhas**. Elas são gêneros exclusivos do domínio religioso, não aparecendo em outros domínios.



Exemplo

Exemplo de jaculatória dado por Marcuschi:

“Senhora Aparecida, milagrosa padroeira, sede nossa guia nesta mortal carreira! à Virgem Aparecida, sacrário do redentor, dai à alma desfalecida vosso poder e valor. à Virgem Aparecida, fiel e seguro norte, alcançai-nos graças na vida, favorecei-nos na morte!” (RODRIGUES, 1977, p. 54).

De acordo com Marcuschi (2003), a **jaculatória** é um gênero textual que se caracteriza por um conteúdo de grande fervor religioso. Possui um estilo laudatório e invocatório, unindo duas sequências injuntivas ligadas na sua formulação imperativa. Além disso, possui composição curta com poucos enunciados, voltada para a obtenção de graças ou perdão, dependendo da circunstância.

O teórico chama atenção para o cuidado que se deve ter para não confundir **texto** e **discurso**. Conforme o autor, há muitas discussões sobre o assunto. Contudo, se pode dizer que **texto** é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Já o **discurso** é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. O que significa que o discurso se realiza nos textos. “Em outros termos os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas. Os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas, segundo Robert de Beaugrande (1997).” (MARCUSCHI, 2003).

Marcuschi (2003) aponta para o fato de que a definição dada aos termos utilizados em seu texto é muito mais operacional do que formal. Desse modo, conforme o estudioso, para a noção de **tipo textual** há a predominância da identificação de **sequências linguísticas típicas** como norteadoras. Mas, no que tange à noção de **gênero textual**, predominam os critérios de **ação prática**, **circulação sócio-histórica**, **funcionalidade**, **conteúdo temático**,

estilo e composicionalidade. Os **domínios discursivos** são as grandes esferas da atividade humana, nas quais os textos circulam. Marcuschi (2003) ainda enfatiza a importância de perceber que os gêneros são entidades comunicativas, e não entidades formais. Para o autor, “Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos.” (MARCUSCHI, 2003).

Gêneros textuais

Dinâmicos, os gêneros são entidades sociodiscursivas que surgem, se situam e se integram funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Eles servem para orientar o autor durante a produção e o leitor quando interpreta o texto.

Bakhtin (2000) foi um dos primeiros estudiosos a teorizar os gêneros do discurso. Para ele, todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua. Isso configura a diversidade nesse uso e uma variedade de gêneros incalculável. Para o teórico, toda essa atividade se concretiza em forma de enunciados, orais e escritos, concretos e únicos, que emanam dos integrantes de alguma esfera da atividade humana.

O teórico russo compreende os gêneros como resultado de um uso comunicativo da língua em sua realização dialógica. Assim, quando os indivíduos se comunicam, não trocam orações ou palavras. Eles trocam enunciados constituídos com os recursos formais da língua, como a gramática e o léxico.

Para Baltar (2004), o gênero textual é uma unidade triádica. Ou seja, é formado de três elementos: unidade composicional, unidade temática e estilo. Ele, portanto, pode ser dividido em três para análise e classificação. A classificação, porém, não deve ser fechada. Afinal, os gêneros surgem de acordo com as necessidades e práticas sociais.

Sobre isso, Bakhtin (2000) explica que as três dimensões essenciais à caracterização dos gêneros são: o tema, que trata do conteúdo; o estilo, que são as configurações específicas das unidades de linguagem; e a composição, estrutura particular do texto. Esta se relaciona com a finalidade extralinguística do texto: didática, publicitária, jornalística, entre outras.

Marcuschi (2003) diz que é possível classificar os gêneros conforme a atividade sociodiscursiva a que servem. Segundo ele, quando se domina um gênero, se domina “[...] uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.” (MARCUSCHI, 2003, p. 29). Nesse sentido, o estudo dos gêneros diversificados se faz importante, tendo em vista o fato de que nas diferentes práticas cotidianas de comunicação se realizam interações sociais.



Fique atento

Conforme Marcuschi (2003), quando um gênero textual é dominado, o que é dominado não é a forma linguística. O que se domina é uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.

O termo “gênero”, na tradição ocidental, sempre esteve ligado aos gêneros literários. Atualmente, é usado para aludir a uma categoria de discurso, seja ele falado ou escrito, tendo ou não aspirações literárias. Conforme Marcuschi (2003), essa noção é usada na etnografia, na sociologia, na antropologia, no folclore, na retórica e, evidentemente, na linguística.



Saiba mais

Cada gênero trabalha com a tipologia textual que lhe é mais adequada. Por exemplo: o gênero notícia poderá ter a tipologia da narração e da descrição; um artigo de jornal terá a argumentação; um texto publicitário trabalhará com a injunção; uma conferência, com a exposição, e assim por diante.

Para melhor compreensão desse assunto, observe o agrupamento de gêneros textuais segundo Bronckart (1999) e Schneuwly et al. (2004), no Quadro 2.

Quadro 2. Gêneros textuais.

Domínios sociais	Aspectos tipológicos	Capacidades de linguagem	Exemplos de gêneros
Cultura literária ficcional	Narrar	Mimésis de ação por meio da criação da intriga no domínio do verossímil	HQ Fábula Novela
Documentação e memorização das ações humanas	Relatar	Representação do discurso de experiências vividas	Notícia Relatório Autobiografia Diário
Discussão de problemas sociais controversos	Argumentar	Sustentação, refutação, negociação de tomadas de posição	Anúncio publicitário Debate Discussão Resenha crítica Artigo opinativo
Transmissão e construção de saberes	Expor	Apresentação textual de diferentes formas de saberes	Texto informativo Aula expositiva Tomada de notas
Regulação das ações	Prescrever e instruir	Regulação mútua de comportamentos por meio da orientação – enunciados (normativos, prescritivos ou descritivos) para a ação	Receita culinária Regras de jogos Exercícios Bula

Fonte: Bronckart (1999) e Schneuwly et al. (2004).

Veja, na próxima seção, os tipos textuais e a que gêneros eles se apropriam.



Exemplo

O gênero notícia, por exemplo, está no domínio discursivo jornalístico. Relata fatos de interesse público, comunicando informações sobre os fatos que já ocorreram, estão acontecendo ou ainda podem vir a acontecer. A narração é feita por meio de uma linguagem objetiva, clara e impessoal. Contudo, há redatores que expressam suas ideologias políticas, indo além do apenas informar, com o objetivo de formar opiniões. A notícia apresenta, comumente, uma estrutura padrão, composta de duas partes: o lead e o corpo. O lead se trata das respostas para as seguintes perguntas: o quê; quem?; quando?; onde?; como?; por quê? Ele objetiva conceder informações detalhadas ao leitor já no início do texto. Depois, se acrescentam informações complementares.

Tipos textuais

A expressão **tipo de texto** é muitas vezes equivocadamente empregada no cotidiano e também em livros didáticos. Ela é comumente usada para designar não um tipo, mas sim um **gênero de texto**. Um exemplo desse fato é quando alguém diz “a carta pessoal é um tipo de texto informal”. Nesse caso, o termo “tipo de texto” não está sendo empregado de maneira correta e essa forma de falar deveria ser evitada (MARCUSCHI, 2003).

De acordo com o autor, a carta pessoal escrita para alguém íntimo, como um familiar, é um gênero textual. Assim, se assemelha a editoriais, horóscopos, receita médica, bula de remédio, poema, piada, conversa casual, entrevista jornalística, artigo científico, resumo de artigo, prefácio de livro.

Marcuschi (2003) afirma que em todos esses gêneros também se estão realizando tipos textuais. É possível que o mesmo gênero realize dois ou mais tipos, sendo um texto tipologicamente variado, heterogêneo. A carta pessoal, por exemplo, pode conter uma sequência narrativa, uma argumentação, uma descrição e assim por diante. Portanto, possui uma variedade grande de sequências tipológicas.

Desse modo, Marcuschi (2003) explica que entre as características básicas dos tipos textuais está o fato de eles serem definidos por seus traços linguísticos predominantes. Assim, um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto. Ao nomear determinado texto como narrativo, descritivo ou argumentativo, se está nomeando o predomínio de um tipo de sequência de base, e não o gênero em si.



Saiba mais

De acordo com Marcuschi (2003), um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Em textos descritivos, predominam as sequências de localização. Já nos textos expositivos há o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. No caso dos textos argumentativos, predominam sequências contrastivas explícitas. Os textos injuntivos, por sua vez, apresentam o predomínio de sequências imperativas.

Veja exemplos de tipos textuais e gêneros:

Descritivo

Os texto de tipologia descritiva têm por objetivo descrever coisas, pessoas ou situações. Ao se descreverem personagens, por exemplo, a descrição pode ser de dois tipos: física ou psicológica. A primeira trata de características externas: altura, pelo, cor da pele, cabelos, olhos, idade. Já a segunda se ocupa do comportamento, caráter, personalidade. Quando se faz uma descrição física, ela pode ser objetiva. Nesse caso, o que é descrito se apresenta de forma direta, simples, concreta, como realmente é. Por outro lado, ela pode ser subjetiva, que envolve os sentimentos do descritor. Já a psicológica é sempre marcada por subjetividade. Os gêneros que se apropriam da estrutura descritiva são: laudo, relatório, ata, guia de viagem, textos literários. Observe o exemplo, retirado do livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (1977, p. 259):

Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo.

Narrativo

A narração tem como principal característica contar uma história, ficcional ou não, ocorrida num determinado tempo e lugar, envolvendo personagens. O tempo verbal predominante é o passado. Ela é escrita geralmente em prosa, buscando comunicar qualquer acontecimento ou situação. A narração em pri-

meira pessoa pressupõe a participação do narrador, que é o chamado narrador-personagem. Já em terceira pessoa há um narrador-observador, que mostra o que ele viu ou ouviu.

Os gêneros que se apropriam da estrutura narrativa são: conto, crônica, fábula, romance, biografia, lenda, narrativa de aventura, narrativa de ficção científica, narrativa de enigma, narrativa mítica, *sketch* ou história engraçada, biografia romanceada, romance, romance histórico, novela fantástica, adivinha, piada, entre outros.



Exemplo

Como exemplo, considere o trecho do conto “Pausa”, de Moacyr Scliar (1977, p. 275):

Às sete horas o despertador tocou. Samuel saltou da cama, correu para o banheiro. Fez a barba e lavou-se. Vestiu-se rapidamente e sem ruído. Estava na cozinha, preparando sanduíches, quando a mulher apareceu, bocejando:

— Vais sair de novo, Samuel?

Fez que sim com a cabeça. Embora jovem, tinha a fronte calva; mas as sobrancelhas eram espessas, a barba, embora recém-feita, deixava ainda no rosto uma sombra azulada. O conjunto era uma máscara escura.

— Todos os domingos tu saís cedo – observou a mulher com azedume na voz.

— Temos muito trabalho no escritório – disse o marido, secamente.

Ela olhou os sanduíches:

— Por que não vens almoçar?

— Já te disse: muito trabalho. Não há tempo. Levo um lanche.

A mulher coçava a axila esquerda. Antes que voltasse à carga, Samuel pegou o chapéu:

— Volto de noite.

Argumentativo

O texto argumentativo, geralmente dissertativo, é um texto opinativo, em que ideias são desenvolvidas por meio de estratégias argumentativas que têm por finalidade convencer o interlocutor. Nesse tipo de texto, há posicionamentos pessoais, exposição de ideias e defesa de um ponto de vista. Sua estrutura se dá em três partes:

1. Ideia principal (introdução).
2. Desenvolvimento (argumentos e aspectos que o tema envolve).
3. Conclusão (síntese da posição assumida).

Os gêneros que se apropriam da estrutura dissertativa são: ensaio, carta argumentativa, dissertação argumentativa, editorial, texto de opinião, diálogo argumentativo, carta de leitor, carta de reclamação, carta de solicitação, debate regrado, assembleia, discurso de defesa (advocacia), resenha crítica, artigos de opinião ou assinados, editorial, ensaio.



Exemplo

Considere este exemplo (MINO CARTA, 2013):

A súbita louvação do nosso Judiciário serve para encobrir a verdade factual, a começar pelo emprego de pesos e medidas opostos no julgamento dos mais diversos gêneros de corrupção política. Até o mundo mineral sabe desta singular situação, pela qual a casa-grande goza da leniência da Justiça, em todos os níveis de atividade [...]

Expositivo

O texto expositivo é também de natureza dissertativa. Trata-se da apresentação, explicação ou constatação, de maneira impessoal, sem julgamento de valor e sem o propósito de convencer o leitor. Tem por finalidade apresentar informações sobre um objeto ou fato específico, enumerando suas características por meio de uma linguagem clara e concisa. Os gêneros que se apropriam da estrutura expositiva são: reportagem, resumo, fichamento, artigo científico, seminário, texto expositivo em livro didático, conferência, palestra, entrevista com especialista, texto explicativo, tomada de notas, resumo de textos, resenha, relatório científico, relatório oral de experiências. As exposições orais ou escritas entre professores e alunos numa sala de aula, os livros e as fontes de consulta também são exemplos dessa modalidade.



Exemplo

Veja o exemplo a seguir, retirado da reportagem “Uma pena, duas medidas”, da Agência Pública (DIP, 2017).

Na planilha de processos da Lava Jato atualizada em 4 de julho, fornecida à Pública pela assessoria de imprensa da Justiça Federal do Paraná, constam apenas sete pessoas em prisão domiciliar, 17 com tornozeleira eletrônica e duas com tornozeleira em prisão domiciliar (veja box com os nomes no fim da reportagem). Mas esses também são números confusos já que os processos gerados pela operação se desdobraram em centenas de outros, que mudam a cada minuto.

Injuntivo

Os textos injuntivos têm por finalidade instruir o interlocutor, orientar como realizar uma determinada ação. Utilizam verbos no imperativo para atingir seu intuito. Eles normalmente pedem, mandam ou aconselham. Os gêneros que se apropriam da estrutura injuntiva são: manuais de instruções, receitas culinárias, bulas, regulamentos, editais, instruções de montagem, receitas médicas, regras de jogo, instruções de uso, comandos diversos, textos prescritivos.



Exemplo

Observe o exemplo a seguir, retirado do manual de instruções de um computador (CCE, c2017):

Não instale nem use o computador em locais muito quentes, frios, empoeirados, úmidos ou que estejam sujeitos a vibrações. Não exponha o computador a choques, pancadas ou vibrações adversas, e evite que ele caia, para não prejudicar as peças internas.



Saiba mais

Os gêneros textuais podem ser híbridos. Isto é, podem ser compostos com características de diferentes gêneros ou conter variados tipos textuais. Por exemplo: a crônica, que é um texto tanto jornalístico quanto literário, une características de ambos. A reportagem é um texto que pode possuir tipos narrativos, expositivos e descritivos, sendo também híbrido. As cartas, que com a evolução tecnológica acabaram sendo substituídas por e-mails, podem conter todos os tipos textuais dentro do texto.

Para saber mais sobre esse assunto, leia o texto “Gêneros textuais: definição e funcionalidade” (MARCUSCHI, 2003).



Referências

- ALENCAR, J. *Iracema*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- ASSIS, M. *Dom Casmurro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BALTAR, M. A. *Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- BARBOSA, J. J. *Alfabetização e leitura*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Sem noção: caso crônico*. Brasília, DF: TV Escola, c2017. 1 vídeo. Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/caso-cronico>>. Acesso em: 18 set. 2017.
- BRONCKART, J-P. Os tipos de discurso. In: BRONCKART, J. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1988.
- CANELLAS, M. O janeiro em que o Brasil me perdeu. *Zero Hora*, Porto Alegre, 28 jan. 2013.
- CCE. *Manual de instruções: notebook*. São Paulo, c2017. Disponível em: <<http://img.americanas.com.br/produtos/01/02/manual/1039314.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COSTA, R. C.; SILVA, R.; VILACA, M. A evolução e revolução da escrita: um estudo comparativo. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, 2013.
- DIP, A. *Uma pena, duas medidas*. Rio de Janeiro: Pública, 2017. Disponível em: <<http://apublica.org/2017/07/uma-pena-duas-medidas/>>. Acesso em: 17 set. 2017.
- LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MINO CARTA. O primado da incompetência. *Carta Capital*, São Paulo, 06 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/778/o-primado-da-incompetencia-3147.html>>. Acesso em: 18 set. 2017.
- PIMENTA, M. A. *Comunicação empresarial*. 5. ed. Campinas: Alínea, 2006.
- RODRIGUES, J. G. *Rezemos o terço*. Aparecida: Santuário, 1977.
- SCHNEUWLY, B. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SCLIAR, M. Pausa. In: BOSI, A. (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 275.

Leitura recomendada

ABREU, A. S. *Curso de redação*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2006.

Encerra aqui o trecho do livro disponibilizado para esta Unidade de Aprendizagem. Na Biblioteca Virtual da Instituição, você encontra a obra na íntegra.

Conteúdo:



SOLUÇÕES
EDUCACIONAIS
INTEGRADAS